

2º DOMINGO DE PÁSCOA

TEXTO: JOÃO 20.19-31

1) **Temática entre as Leituras: Possíveis Ênfases para a Pregação**

Como posto por Hermann Sasse, a Páscoa é “o ponto alto do calendário da igreja [...], é tempo para a igreja festejar” (SASSE, 2014). A temática central de todo o tempo de Páscoa até a festa de Pentecostes é a ressurreição de Cristo e a distribuição dos frutos colhidos pela paixão e morte, isto é, o perdão dos pecados (LW 69, p. 428).

É importante notar que os temas abaixo não são definitivos ou mutuamente excludentes, podendo ser abordados no sermão de acordo com o tempo disponível e a preferência do pregador. Os temas abaixo são ideias e sugestões, as quais serão ainda complementadas com a exegese do texto do Evangelho.

a. *Primeiro tema: O testemunho que leva à fé.*

Embora a leitura do Evangelho parece focar sobre a descrença de Tomé ou sobre a entrega do Ofício das Chaves, estes são pontos secundários para este domingo da Trienal. O ponto central das quatro leituras é *o testemunho que leva à fé*, ditado pela parte final do texto do Evangelho,

³⁰Na verdade, Jesus fez diante dos seus discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. ³¹Estes, porém, foram registrados para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida em seu nome (Jo 20.30-31).¹

A leitura de 1 Pe 1.3-9 em especial corrobora com esta ênfase: “Mesmo sem tê-lo visto vocês o amam. Mesmo não o vendo agora, mas crendo nele, exultam com uma alegria indescritível e cheia de glória, ⁹obtendo o alvo dessa fé: a salvação da alma” (1 Pe 1.8-9).

O texto de Atos dos Apóstolos reforça o ponto do testemunho que leva à fé,

³²E nós somos testemunhas destes fatos — nós e o Espírito Santo, que Deus deu aos que lhe obedecem. [...] ⁴¹E eles se retiraram do Sinédrio muito alegres por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome. ⁴²E todos

¹ A tradução da Bíblia utilizada aqui e no restante deste recurso homilético é a da *Nova Almeida Atualizada* (NAA), 3ª edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar que Jesus é o Cristo” (At 5.32, 41-42).

Este testemunho dos fatos que aconteceram e que leva à fé é o que causa o louvor entoado pela congregação através do Salmo 148. O louvor é, portanto, uma reação à boa-nova da ressurreição segundo o plano de Deus.

b. Segundo tema: O perdão e a salvação.

Ainda que o perdão e a salvação sejam resultado da fé salvadora transmitida através do testemunho do Espírito Santo, eles podem ser trazidos para debaixo do holofote durante a pregação. O Salmo 148 contorna as leituras, mesmo que continue como reação à boa-nova da salvação. Os demais textos ganham abordagens diferentes, mas o texto de 1 Pedro ditará o foco, que agora reside no *tesouro da salvação*.²

³Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, ⁴para uma herança que não pode ser destruída, que não fica manchada, que não murcha e que está reservada nos céus para vocês, ⁵que são guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para ser revelada no último tempo (1 Pe 1.3-5).

O leitura do Evangelho enfatizará, então, o Ofício das Chaves,

²¹E Jesus lhes disse outra vez: — Que a paz esteja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês. ²²E, havendo dito isso, soprou sobre eles e disse-lhes: — Recebam o Espírito Santo. ²³Se de alguns vocês perdoarem os pecados, são-lhes perdoados; mas, se os retiverem, são retidos (Jo 20.21-23);

e o texto de Atos enfatizará a missão dos discípulos, a qual foi dada no Evangelho: “e nós somos testemunhas destes fatos — nós e o Espírito Santo, que Deus deu aos que lhe obedecem” (At 5.32).

O perdão e a salvação precisam ser trazidos, assim, como fatos, isto é, coisas concretas e palavras eficazes, as quais criam a realidade que proclamam (*palavra performática*). Há, assim, uma breve conexão com o relato da Criação, visto Deus ter criado tudo através de tal palavra. Deste modo, o Salmo 148 fecha o contorno, não apenas como um louvor pela salvação recebida, mas como um testemunho do poder eficaz de Deus ainda operante na igreja. Deus faz o que fala, ele cria a realidade pela sua voz. Há, portanto, uma clara conexão litúrgica com os Sacramentos e

² Esta é a ênfase dada por Lutero, que pregou sobre João 20.19-20 em 1521 (LW 51:60-66).

com a Confissão e Absolição de pecados.³ Além disso, é possível fazer uma conexão com o ministério e a missão do pastor na igreja.⁴

c. Terceiro tema: esperança em face ao sofrimento causado pelo testemunho.

Sufrimento é um conceito amplo, visto os textos possibilitarem a abordagem de diversos tipos de sofrimentos. O medo de perseguição é um dos mais claros, visto os discípulos estarem escondidos justamente por medo de serem presos e mortos. Outro sofrimento é a dúvida em relação ao testemunho, o segundo mais claro, dado o exemplo de Tomé.

O contexto da Epístola de Pedro indica uma dúvida maior quanto à volta de Cristo, contudo, o texto da leitura do dia abre mais possibilidades para a pregação. Pedro fala de modo geral acerca de “provações” e conecta com o fato de eles não precisarem ver Cristo para crer nele.

O texto de Atos trata o sofrimento pela fé de maneira surpreendente, visto os discípulos, depois de terem sido presos e açoitados por conta do seu testemunho, saírem “muito alegres por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome” (5.41). Além disso, eles continuariam repetindo o mesmo “crime,” mesmo que isso significasse a morte deles. Aqui está expresso o *modus operandi* de Deus, que transforma o mal em bem e nos faz rever as primeiras impressões sobre coisas que acontecem conosco (Gn 50.20).

Esta temática pode ser facilmente trabalhada com ambas as temáticas anteriores. As provações por causa da fé e a dúvida auxiliam na pregação da Lei. A certeza das palavras do Senhor abordadas na temática anterior ajudam na pregação do Evangelho. Além disso, para a aplicação do Evangelho, é importante seguir o conselho de Crisóstomo, “quando você vê a descrença do discípulo, considere o tenro amor que teve Senhor, que pelo bem de uma só alma, revelou-se com suas feridas, vindo para salvar este indivíduo” (Homilias em João 87.1). Este é um princípio da aplicação do Evangelho nas homilias de Crisóstomo, isto é, que para salvar alguém, Cristo se submete a fazer coisas inesperadas e surpreendentes.

³ “Não é o pastor quem me absolve, nem é o pregador aquele que me comanda a acreditar, mas Deus falando através dele” (LW 69, p. 431).

⁴ Por exemplo, dentro da igreja luterana, a perícopes de Jo 20.19-23 é usada em ritos de ordenação e como Evangelho do culto de ordenação de ministros pelo menos desde os tempos de Lutero. A conexão com o ministério é abordada pelo próprio Lutero em 1540, quando ele prega: “Eu [Cristo] envio a vocês, para que vocês andem pelo mundo e estabeleçam outros pregadores, os quais também andarão, pregarão e farão o que eu e vocês temos feito até o fim do mundo” (LW 69, p. 433).

2) Exegese do texto do Evangelho: João 20.19-31

v. 19a: “Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana”

João nos informa que ainda é o dia da ressurreição. Maria Madalena havia ido ao túmulo na madrugada daquele dia (Jo 20.1) e viu Jesus ainda de manhã (Jo 20.11ss.). Nenhum dos discípulos havia visto Jesus ainda, pois foram embora e deixaram Maria para trás (Jo 20.10).

A contagem dos dias é importante no Evangelho de João. Ele usa o sistema judaico, em que o dia começa quando a noite chega, no que para nós seria a noite do dia anterior. Jesus aparece no meio dos discípulos, portanto, muito próximo do que seria o fim do Domingo, o primeiro dia da semana. Além disso, sabemos quando Jesus aparece diante de Tomé, isto é, “passados oito dias” (v. 26). Contando a noite do Domingo da Ressurreição como o primeiro dia, Jesus aparece a Tomé e aos outros discípulos no Domingo da semana seguinte. Isso provê uma possível explicação para o motivo d’a perícopes de Tomé (Jo 20.24-29) ser parte do Segundo Domingo de Páscoa no calendário da Igreja.

Além do dia da semana, é possível apontar para o simbolismo de luz e escuridão no Evangelho de João. O peso dado a isso pode variar bastante, contudo, é impossível não reconhecer que algum nível de simbolismo está sendo usado por João, pelo menos no que diz respeito ao ciclo “dia” e “noite.” De forma mais simples, aquilo que se passa durante a noite ou enquanto está escuro tende a ser matéria de dúvida ou completa descrença. Nicodemus conversa com Jesus à noite (Jo 3.1-21) e a mulher samaritana no meio do dia (Jo 4.1-42, esp. versículos 39-42); a traição de Jesus e seu julgamento perante o Sinédrio são à noite (Jo 13.30; Jo 18); Maria Madalena vai ao túmulo enquanto ainda estava escuro (Jo 20.1) e com a luz do dia, Jesus aparece (Jo 20.19), reforçando o paralelo com “luz do mundo,” presente no Prólogo (Jo 1.4).⁵

v. 19b: “estando trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, Jesus veio e se pôs no meio deles, dizendo: — Que a paz esteja com vocês!”

Há uma oposição entre “medo” e “paz” na construção do versículo. O “medo” dos discípulos é “medo dos judeus,” ou seja, eles têm medo de sofrerem aquilo que Jesus sofreu. O texto de Atos que acompanha esta perícopes na Trienal adiciona mais um elemento a este medo,

⁵ Apesar de possuir opiniões bastante estranhas sobre a teologia de João, Craig Koester (2003, p. 141ss.) trabalha satisfatoriamente este ponto. O leitor mais desconfiado se sentirá mais confortável com o livro de Andreas Köstenberger (2009, p. 166-167), que possui uma discussão sobre simbolismo.

isto é, que este tipo de coisa já aconteceu antes, e num passado recente! Em grande ironia divina, Gamaliel, um judeu importante, nos mostra precisamente a importância que a ressurreição de Cristo traz: “³⁸Neste caso de agora, digo a vocês: Não façam nada contra esses homens. Deixem que vão embora, porque, se este plano ou esta obra vem de homens, será destruído; ³⁹mas, se vem de Deus, vocês não poderão destruí-los e correm o risco de estar lutando contra Deus.” (At 5.38-39a). Esta lógica é vista também em Paulo, no famoso versículo de 1 Coríntios (15.14), “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e é vã a fé que vocês têm” (ver tb. CYRIL, 2015, p. 364-365).

Assim, embora o medo expresso pela perícopa seja específico, o texto de Atos dos Apóstolos e a introdução da lógica paulina sobre a ressurreição o expandem e abrem mais portas para a aplicação da Lei. O medo aqui é de ter sido enganado e tudo ser por nada, tudo o que eles viveram, viram e ouviram seria vão. Isso, é claro, não arranha a superfície das consequências que Jesus permanecer morto causaria para a nossa salvação, as quais são expostas por Paulo em 1 Coríntios 15.

“Paz” é um conceito mais amplo. “Que a paz seja com vocês” (εἰρήνη ὑμῖν) é uma forma de saudação simples, e há quem possa interpretar deste jeito.⁶ A verdade é que historicamente muito mais foi visto nesta pequena frase. Sim, ela é uma saudação, porém, uma simples saudação ganha um sentido muito mais profundo quando proferida pelo Cristo ressurreto, e especialmente quando dita uma segunda vez (CARSON, 1991, p. 646-647; CYRIL, 2015, p. 366). A exemplo de Lutero (LW 69, p. 341-342) e Crisóstomo (op. cit. *ibidem*), eles veem “paz” como confirmação dos frutos da salvação e de que tudo que eles viveram não foi em vão, que a morte não era mais causa de medo.

A dinâmica para a aplicação do Evangelho, contudo, depende da aplicação da Lei através do “medo.” A “paz” aqui é o preciso remédio para o “medo.” Uma clássica dinâmica de antônimos ou de apostos muito favorece a aplicação do Evangelho. A meditação de Johann Gerhard sobre os frutos da paixão de Cristo fornece-nos um exemplo desta dinâmica de pregação:

Por nós, Cristo aguentou o suor de sangue, *para que o frio suor da morte agonizante não nos perturbasse*. Ele por livre vontade lutou com a morte, *para que nós não falhássemos na provação da última hora* [...]. Ele foi abandonado

⁶ Ver KÖSTENBERGER, 2013, p. 172.

por seus discípulos, *para que pudesse nos unir a ele próprio de modo mais íntimo* [...] (1896, p.41-42. Ênfase nossa).

Outra dinâmica similar é a proposta por Cirilo de Alexandria,

Os judeus, cujo as mentes estavam cheias de loucura, alegraram-se quando viram Jesus na cruz pregado, e o coração dos santos discípulos estava pesado por causa do desespero e insuportável melancolia. Porém, [Jesus] é vida por natureza, assim, ele destruiu o poder da morte e voltou à vida. A felicidade dos judeus foi extinta, o lamento dos santos apóstolos foi transformado em alegria (Sl. 30.11-12). Floresceu uma felicidade que não pode ser perdida ou roubada (CYRIL, 2015, p. 366).

v. 20: “²⁰E, dizendo isso, lhes mostrou as mãos e o lado. Então os discípulos se alegraram ao ver o Senhor.”

É importante notar o ato voluntário de Cristo de mostrar suas mãos e o ferimento em seu lado. Este ato voluntário de Cristo destaca ainda mais o quão ríspida será a reação de Tomé ao testemunho dos demais discípulos.

O ato de ver é bastante enfatizado por João no decorrer do Evangelho. Por exemplo, a cura do cego de nascença é um dos pontos altos da narrativa (Jo 9). No capítulo 20, diferentes verbos para “ver” são utilizados 15x (incluindo ζητέω no v. 15, que traz forte conotação de “procurar” utilizando os olhos, devido ao contexto).⁷ No fim, todos os envolvidos na narrativa “viram para crer,” o fator determinante é qual o valor dado ao testemunho de João pelo leitor. João parece enfatizar o ato de ver dele e dos discípulos justamente para creditar ao máximo seu testemunho (ver 1 Jo 1.1-4).

Além de credibilidade, o ato de ver está conectado com o realizar-se da esperança e o cumprir das promessas (Jo 20.8-9; ver tb. Lc 2.29-32). “Os discípulos se alegraram *ao ver* o Senhor” ou “tendo visto o Senhor, os discípulos se alegraram.”⁸ Isso indica que agora eles receberam a confirmação de que nada foi em vão e que tudo que aconteceu “vem de Deus” e não pode ser destruído (At 5.39). Jesus cumpriu o que ele tinha falado no seu discurso antes do calvário (Jo 16.16, 22). Leão, o Grande, resume bem o intuito de Cristo ao mostrar os ferimentos e seu corpo aos olhos dos discípulos:

[Cristo] oferece aos olhos dos que duvidam as marcas da cruz, as quais permaneceram em seus pés e mãos, e os convida a tocarem-no e fazer cuidadoso

⁷ βλέπω (Jo 20.1, 5); θεωρέω (Jo 20.6, 12, 14); εἶδον (Jo 20.8, 20, 25, 27, 29); παρακύπτω (Jo 20.11); ζητέω (Jo 20.15); ὁράω (Jo 20.18, 25, 29).

⁸ O particípio aoristo adverbial ἰδόντες pinta a imagem de que, uma vez que perceberam que o Senhor estava no meio deles, eles se alegraram. Uma relação causal (ver WALLACE, 2009, p. 631)

exame. Ele assim o faz, pois as marcas da lança e dos pregos foram mantidas para curar as feridas de corações incrédulos (ACCNT, 2007, p. 358).

Um último ponto sobre o texto que autores antigos e modernos abordam é o fato de o corpo ressurreto de Cristo não estar mais sujeito às limitações “que estão postas sobre nossos corpos terrenos” (KÖSTENBERGER, 2013, p. 172). Essa temática parece desviar o foco das leituras. Certamente há um momento mais apropriado no ano da igreja para discutir as propriedades do corpo ressurreto de Cristo e da nossa ressurreição (ver. Fórmula de Concórdia – Declaração Sólida, Art. VIII).

v. 21-23: “E Jesus lhes disse outra vez: — Que a paz esteja com vocês! Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês.

²²E, havendo dito isso, soprou sobre eles e disse-lhes: — Recebam o Espírito Santo. ²³Se de alguns vocês perdoarem os pecados, são-lhes perdoados; mas, se os retiverem, são retidos.”

Retornamos ao tópico da “paz.” O fato de Jesus usar a mesma frase duas vezes reforça a interpretação de que esta não é uma mera saudação aos discípulos. “Através de sua saudação de paz, ele sopra sobre eles e lhes dá tranquilidade, além de comunhão com o Santo Espírito” (ACCNT, 2007, p. 357). Cirilo de Alexandria escreve: “Ele também saúda aos discípulos. ‘Paz seja com vocês.’ Ele diz isso referindo-se a si mesmo como ‘paz.’ *Onde quer que Cristo esteja presente, tranquilidade de espírito certamente seguirá.*” (CYRIL, 2015, p. 366. Ênfase nossa).

O soprar do Santo Espírito sobre os discípulos e o envio deles ao mundo pode ser entendido como uma mudança nos papéis do ministério terreno como um todo. “Não mais [Jesus] é o enviado. Ele é aquele que envia.” Os discípulos devem “ser obedientes e ter uma relação de dependência como Jesus teve durante o curso de seu ministério terreno. [...] Como o Senhor exaltado, ele continuará encabeçando a missão discípulos,” operando através do Consolador. “Como Lucas explica, a história da igreja primitiva é simplesmente a história daquilo que Jesus exaltado continua fazendo através dos seus discípulos, tendo o Espírito Santo como guia” (KÖSTENBERGER, 2013, p. 173-174).⁹

⁹ Uma visão um pouco mais *pesada* ou menos *hedonista* do envio dos discípulos, a qual está mais condizente com o Sermão Missionário (Mt 10) de Jesus no Evangelho de Mateus, é trazida por Gregório, o Grande, que escreve que, do mesmo modo que o Pai enviou o Filho para um sofrimento, a fim de salvar a raça humana, “O Senhor está enviando seus apóstolos escolhidos ao mundo, não para as alegrias do mundo, mas para sofrer, como ele próprio foi enviado. Portanto, como o Filho é amado pelo Pai e enviado para sofrer, também os discípulos são amados por seu Senhor, que os envia ao mundo para sofrer” (ACCNT, 2007, p. 360).

A entrega do Espírito é uma marca do começo do ministério. O próprio Cristo, depois de ser batizado e de o Espírito Santo vir sobre ele e “*permanecer sobre ele*” (καὶ ἔμεινεν ἐπ’ αὐτόν; Jo 1.32), começa seu ministério. Se os discípulos irão começar no ministério, é necessário que recebam o Espírito.

Para um pastor luterano, o texto dá margem para falar de uma das bases do ministério, o Ofício das Chaves. O fato de este texto ser usado em cerimônias de ordenação deixa clara a mensagem a ser passada, *é obrigação do pastor exercer as chaves*. Gregório, o Grande, muito bem destaca esta alegria do ministério em relação à entrega do Espírito aos apóstolos, ele diz: “Veja como eles não apenas adquiriram tranquilidade em relação a eles mesmos, *mas eles receberam o poder de libertar outros de suas amarras [de pecado]*” (ACCNT, 2007, p. 364. Ênfase nossa). Lutero faz a mesma conexão. Ele diz:

Eu [Cristo] levarei [os pecadores] do pecado para a justiça, da morte para a vida. Isso é o que vocês devem fazer no mundo inteiro. Eu envio a vocês, para que vocês andem pelo mundo e estabeleçam outros pregadores, os quais também andarão, pregarão e farão o que eu e vocês temos feito até o fim do mundo. *Eu estarei com vocês, então saberão que não é vocês que o fazem, mas sou eu que faço essas coisas através de vocês, até o último dia* (LW 69, p. 433. Ênfase nossa).

O Espírito Santo capacita o pastor. Ele confirma as palavras do pastor faladas *ex officio*, as quais não são mais suas palavras, mas as palavras de Jesus Cristo (Jo 16.4-15), o Verbo pelo qual todas as coisas foram feitas (Jo 1.2). A mesma palavra que criou céus e terra (ver Sl 148) também proclama o perdão do pecador arrependido. As palavras do ofício são palavras eficazes, isto é, palavras *performáticas*, que criam a realidade que proclamam.

Uma vez compreendido isso, abre-se um leque de possibilidades para pregar os sacramentos, e particularmente a Santa-Ceia. Pois é possível trazer a ênfase sobre a eficácia da palavra e apontar o ouvinte (ou a congregação) ao que acontece no Sacramento do Altar, outra das bases do Ofício do Ministério (ver Confissão de Augsburgo V, 1-2). O hino 255 do *Hinário Luterano*, nas estrofes 3 e 4, expressa em linguagem simples esse conceito doutrinário profundo,

*Teu santo corpo aqui está
com tua amada igreja;
se a Bíblia diz, quem negará,
embora não o veja?
É firme e certo o teu falar,*

*ninguém o pode contestar,
por mais sagaz que seja.*

*“Tomai,” nos dizes, “e comei,
meu corpo é, realmente.
Meu sangue todos vós bebei;
convosco estou presente.”
Tu o disseste e tem de ser,
ilimitado é teu poder,
és Deus Onipotente.*

v. 24-25: ²⁴Tomé, um dos doze, chamado Dídimos, não estava com eles quando Jesus veio.

²⁵Então os outros discípulos disseram a Tomé: — Vimos o Senhor.

Mas ele respondeu:

— Se eu não vir o sinal dos pregos nas mãos dele, ali não puser o dedo e não puser a minha mão no lado dele, de modo nenhum acreditarei.

A reação de Tomé é bastante forte, e há dois elementos que devem ser notados para bem compreender a gravidade da resposta do discípulo. O primeiro é o uso das expressões βάλω τὸν δάκτυλόν μου e βάλω μου τὴν χεῖρα, que normalmente são traduzidas como “pôr/colocar meu dedo” e “pôr/colocar minha mão.” O segundo elemento é o uso de uma negação enfática,¹⁰ οὐ μὴ πιστεύσω, “de modo nenhum/jamais acreditarei.” Embora as expressões do primeiro elemento possam ser traduzidas de forma mais branda, a expressão do segundo elemento não pode ser traduzida assim. Sendo ambas expressões partes de uma mesma resposta, é possível afirmar que a negação enfática dita a força do verbo βάλω e do verbo ἴδω (εἶδον; “ver”).¹¹ Se assim for, a frase de Tomé ganha tonalidade grave. “Se eu não *examinar* (ἐὰν μὴ ἴδω) o sinal dos pregos nas mãos dele, *enfiar meu dedo* (βάλω τὸν δάκτυλόν μου) e *enfiar minha mão* (βάλω μου τὴν χεῖρα) no seu lado, eu *jamais* (οὐ μὴ πιστεύσω) acreditarei.”

A força da reação de Tomé está, portanto, menos no “ver para crer” e mais no caráter visceral das condições para que ele creia. No fim, Tomé se encaixa no clássico estereótipo ateuista

¹⁰ “A negação enfática é indicada por οὐ μὴ com *subjuntivo aoristo* ou, menos freqüentemente, οὐ μὴ com *indicativo futuro* [...] essa é a forma grega de enfatizar a negação” (WALLACE, 2009, p. 468-469). João utiliza aqui a rara *negação enfática com o futuro do indicativo*.

¹¹ Os verbos na resposta de Tomé formam uma sequência de subjuntivos condicionais (ἴδω; 2x βάλω; todos no aspecto aoristo, 1ª pessoa singular), modificados pela partícula ἐὰν + negativa μὴ (se... não...) e regidos pelo verbo no futuro do indicativo (πιστεύσω; 1ª pessoa singular). Apesar de a negação enfática ser rara com o futuro do indicativo, é possível dizer que a gramática grega provavelmente força João a utilizar um verbo *independente*, para que a estrutura faça sentido. Historicamente, o futuro tende a ser o aspecto preferido nessas construções pela sua proximidade com o subjuntivo aoristo (ver DANA e MANTEY, 1957, p. 170-171).

de precisar *ver* ou *experimentar* algo absurdo para crer (KÖSTENBERGER, 2013, p. 175). Isso soa como se tudo que Tomé tenha visto e vivido anteriormente ao lado de Jesus tenha sido vão ou uma experiência de segundo escalão, mesmo que Jesus tenha feito milagres com a finalidade de que os discípulos creiam desde as bodas em Caná (Jo 2.11). Numa linguagem mais pastoral, é possível dizer que Tomé já havia aceitado o “medo” e aceitado que tudo que ele viveu foi “vão,” algo que os demais discípulos ainda não haviam aceitado.¹²

v. 26-28: ²⁶Passados oito dias, os discípulos de Jesus estavam outra vez reunidos, e Tomé estava com eles. Estando as portas trancadas, Jesus veio, pôs-se no meio deles e disse: — Que a paz esteja com vocês!

²⁷E logo disse a Tomé: — Ponha aqui o seu dedo e veja as minhas mãos. Estenda também a sua mão e ponha no meu lado. Não seja incrédulo, mas crente.

“Passados oito dias” nos diz que isso ocorreu no Domingo seguinte. A situação é muito similar a da semana anterior. Os discípulos ainda estão evitando a perseguição, porém, *eles não estão mais com medo* (cf. v. 19b).

Sendo Tomé o único que não estava presente na semana anterior, Jesus direciona sua atenção a ele. Depois saudar a todos com a mesma *paz* (CYRIL, 2015, p. 373), ele dirige-se a Tomé e repete as palavras que ele disse, gerando uma situação parecida com a de Natanael sendo visto embaixo da figueira (Jo 1.43-51).

A questão sobre a força dos verbos empregados por Cristo pode ser levantada, pois é possível interpretá-los de *forma* mais branda ou mais *forte*. Até mesmo algo entre as duas opções. Onde os verbos diferem, é possível ser mais brando, onde os verbos são os mesmos, vê-se uma repetição da força usada pelo próprio Tomé. Uma tradução da fala de Jesus seguindo este modelo seria: “traga teu dedo aqui e *examina* as minhas mãos (ἴδε τὰς χεῖράς μου). Também traga tua mão e *enfia-a no meu lado* (βάλε εἰς τὴν πλευράν μου).¹³ Não sejas um incrédulo, mas um crente.”

Além disso, o uso do imperativo presente “não sejas” (μὴ γίνου) pode ser entendido como uma ação continuada, isto é, que Tomé pare de ser incrédulo e que ele creia e continue

¹² Amônio de Alexandria parece ver a reação de Tomé como uma mistura de inveja e dúvida: “[Tomé] não disse isso por causa de descrença, mas por causa do sofrimento, pois ele não foi considerado digno de ver o Cristo ressurreto” (ACCNT, 2007, p. 368)

¹³ A preposição εἰς (em, para dentro, em direção a) estaria sendo usada, assim, no seu sentido mais simples.

crendo,¹⁴ que haja uma transformação de seu estado de ser. Por mais que Jesus repita as expressões de Tomé, ele tem em vista a salvação do discípulo. Jesus não as repete em tom condescendente, mas como Crisóstomo diz, “quando você vê a descrença do discípulo, considere o tenro amor que teve Senhor, que pelo bem de uma só alma, revelou-se com suas feridas, vindo para salvar este indivíduo” (Homilias em João 87.1). Ele também nota:

observe o caráter verdadeiro dos discípulos e como eles não escondem defeito algum, nem deles e nem dos outros, pelo contrário, eles os preservam com grande veracidade. Jesus de novo se apresenta a eles e nem espera ser questionado por Tomé ou ouvir qualquer outra coisa. Antes mesmo de Tomé falar, Jesus o impediu e cumpriu seu desejo, mostrando que mesmo quando Tomé falou aquelas palavras aos discípulos, ele estava presente (ACCNT, 2007, p. 369).

Cirilo de Alexandria faz aqui uma conexão com a Ceia,

Temos um excelente motivo, então, para ter nossas santas assembleias nas igrejas no oitavo dia (Domingo). [...] Nós de fato fechamos as portas, mas Cristo ainda nos visita e aparece diante de todos nós, como Deus invisível e visivelmente no seu corpo. Ele nos dá sua carne e nos permite tocar nela, pois pela graça de Deus nós somos admitidos a participar da santa *eucharistia*, recebendo Cristo em nossas mãos, para que possamos firmemente crer que ele de fato ressuscitou o templo do seu corpo (CYRIL, 2015, p. 374).

v. 28: ²⁸Ao que Tomé respondeu: — Senhor meu e Deus meu!

“Aquele que foi devagar para crer aquilo que ele deveria [crer] está, agora, disposto a confessar. Em pouco tempo, ele foi completamente curado” (CYRIL, 2015, p. 376). É possível notar certa ironia nas palavras de Cirilo de Alexandria, mas o fato não se torna menos importante, isto é, que Tomé fez uma das confissões de fé mais importantes da Bíblia. Ele confessa Jesus Cristo como Deus e Senhor. Neste sentido, a confissão dele é muito mais direta e mais forte que a de Natanael (Jo 1.49), pois a confissão de Tomé é mais pessoal, “Senhor *meu* e Deus *meu!*”¹⁵

O comentário de Teodoro de Mopsuéstia acerca da confissão de Tomé abre portas para uma discussão mais ampla. Ele diz:

Tomé, o discípulo que duvida, não chama de Senhor e Deus aquele que ele tocou. Na verdade, o conhecimento da ressurreição não o ensinou que o

¹⁴ Sobre o presente contínuo, ver. DANA e MANTEY, 1957, p.181-183; tb. WALLACE, 2009, p. 520-522.

¹⁵ Um elemento histórico trazido por Köstenberger (2013, p. 175) é que o imperador Domiciano (AD 81-96) havia se proclamado “Senhor e Deus” (*Dominus et Deus*). As palavras de Tomé são contraculturais.

ressuscitado era Deus. Antes disso, ele louvou a Deus por ter feito tal milagre, estando maravilhado pelos milagres que ele viu (ACCNT, 2007, p. 373).

O fato é que Teodoro parece limitar o aspecto de significados de uma confissão como a de Tomé. Hermann Sasse bem nota que a Bíblia, em particular o Novo Testamento, ao trabalhar o tema *confissão*, reconhece três “significados que nunca devem ser separados um do outro: confissão de pecados, a confissão de fé e a confissão como louvor a Deus” (SASSE, 2002, p. 300). Sasse trabalha com o verbo “confessar” e suas variações, o qual não está explicitamente presente neste texto de João. Contudo, é impossível negar o caráter confessional das palavras de Tomé.

As palavras de Tomé expressam os três elementos de confissão *simultaneamente*. Neste sentido, Teodoro não está errado, mas seu comentário está incompleto. Com sua confissão, Tomé (1) louva *seu Senhor e seu Deus* pelo milagre realizado; (2) arrepende-se de seu pecado e confessa a verdade; isto é, (3) confessa a fé que nós também partilhamos, que *Jesus Cristo é nosso Senhor e nosso Deus*.

Estes três aspectos estão diretamente conectados com a liturgia, a qual compreende todos estes aspectos da confissão. Além disso, a liturgia confessa a presença do Cristo no meio de sua igreja, entre seus discípulos de todos os tempos. Ela é uma grande confissão do que Deus fez, faz e há de fazer, “como era no princípio, agora é e para sempre será.”

v. 29: ²⁹Jesus lhe disse: — Você creu porque me viu? Bem-aventurados são os que não viram e creram.

³⁰Na verdade, Jesus fez diante dos seus discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. ³¹Estes, porém, foram registrados para que vocês criam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida em seu nome.

Apesar de ser possível alongar a discussão através de uma análise dos perfeitos do indicativo usados por Jesus para descrever Tomé, o ponto focal do versículo 29 e que fecha com uma fala de João diretamente para o leitor é a *bem-aventurança*.

Jesus aqui usa um recurso linguístico e retórico que é sair da discussão na segunda pessoa do singular (ou seja, Tomé) e utilizar a terceira pessoa do singular de forma *inclusiva*. Uma bem-aventurança ou sabedoria escrita desta maneira engloba não somente os ouvintes imediatos (isto é, os discípulos na casa fechada), mas esta frase é de Jesus *para o leitor ou ouvinte do Evangelho*. Uma resposta semelhante à de Tomé é esperada deste leitor ou ouvinte. Gregório, o

Grande diz: “Certamente este dito se refere a nós, que mantemos em nossas mentes aquele que nós não vemos” (ACCNT, 2007, p. 373).

Como Teodoro de Mopsuéstia nota (ACCNT, 2007, p. 375), João parece reconhecer a existência dos Evangelhos Sinóticos, quando fala que outros sinais foram feitos e não foram registrados “*neste livro.*”

João conclui o capítulo deixando explícito o objetivo de seu livro, ἵνα πιστεύσητε (a fim de que vocês creiam). O evangelista usa a segunda pessoa do plural, o que pressupõe uma audiência. Este livro foi escrito para ser lido em público, para várias pessoas.

Há uma variante textual que, apesar de provavelmente não ser parte do texto, traz uma reflexão interessante. A variante muda o aspecto verbal de πιστεύσητε, ou seja, de um aoristo ele se torna um *presente* do subjuntivo (πιστευητε). A mudança aqui parece ser sutil, pois o foco sairia da simples ação de *crer* (para que vocês *venham a crer*) e focaria na *continuidade da fé*. Assim, uma tradução seria “para que *vocês continuem crendo*” ou “para que vocês *uma vez crendo, continuem a crer.*”¹⁶

Para ambas as alternativas, o propósito do Evangelho continua atado com a missão dos apóstolos de ir ao mundo. Seja proclamando o Evangelho para a manutenção da fé da igreja, seja testemunhando para trazer novas pessoas das trevas para a Luz, eles o fazem sob o Espírito que receberam e que dá testemunho do Senhor Jesus Cristo (Jo 16.12-15). Como confessamos no Catecismo Menor,

Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, *meu Senhor*, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou a verdadeira fé. Assim também chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra, e em Jesus Cristo a conserva na verdadeira e única fé. Nesta cristandade, perdoa a mim e a todos os crentes diária e abundantemente todos os pecados, e no dia derradeiro me ressuscitará a mim e a todos os mortos, e me dará a mim e a todos os crentes em Cristo a Vida Eterna. Isso é certamente verdade (Catecismo Menor, explicação do 3º Artigo).

*Prezado pastor,
que este recurso homilético te ajude a pregar*

¹⁶ Esta é uma discussão longa e famosa entre comentaristas, para mais informações, ver KÖSTENBERGER, 2013, p. 175-177; CARSON, 1991, p. 661-663.

*a Boa-Nova de Jesus Cristo, nosso Senhor e nosso Deus.
Tenha uma abençoada Páscoa.*

*Non vi, sed verbo
(CA XXVIII, 22)*

Rev. Moacyr Alves Junior

Pointe-Noire,
República do Congo
22/03/2023

Bibliografia

Ancient Christian Commentary on Scripture, New Testament, vol. IVb, John 11-21. Editor: Joel C. Elowsky. Downers Grove: InterVarsity Press, 2007.

CYRIL OF ALEXANDRIA, *Ancient Christian Texts: Commentary on John, vol. 1 and 2*. Editor: Joel C. Elowsky. Downers Grove: InterVarsity Press, 2015.

CARSON, D.A. *The Gospel According to John*. Grand Rapids: W. B. Eerdmans Pub. Comp., 1991.

DANA, H.E.; MANTEY, Julius R. *A Manual Grammar of the Greek New Testament*. The Macmillan Company. 1957.

GERHARD, Johann. *Sacred Meditations*. Philadelphia: Lutheran Publication Society, 1896.

KÖSTENBERGER, Andreas J. *A Theology of John's Gospel and Letters: The Word, the Christ, the Son of God*. Grand Rapids: Zondervan, 2009.

_____, *Encountering John: The Gospel in Historical, Literary, and Theological Perspective*. 2a ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2013.

KOESTER, Craig R. *Symbolism in the Fourth Gospel: Meaning, Mystery, Community*. Minneapolis: Fortress Press, 2003.

LUTHER, Martin. *Luther's Works, American Edition*. Vols. 1–30. Editor: Jaroslav Pelikan. St. Louis: Concordia, 1955–76. Vols. 31–55, editor: Helmut Lehmann. Philadelphia/Minneapolis: Muhlenberg/Fortress, 1957–86. Vols. 56–82, editores: Christopher Boyd Brown and Benjamin T. G. Mayes. St. Louis: Concordia, 2009–.

SASSE, Hermann O. “Liturgy and Confession: A Brotherly Warning against the “High Church” Danger” (1959) in *The Lonely Way*, vol. 2. St. Louis: Concordia Publishing House, 2002, p. 299-315.

_____, “The Church’s Time of Rejoicing” (1955) in *Letters to the Lutheran Pastors*, vol. 2. St. Louis: Concordia Publishing House, 2014. Edição Kindle.

WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega: Uma Sintaxe Exegética do Novo Testamento*. Roque Nascimento Albuquerque, tradução. São Paulo: Editora Batista Regular. 2009.